



## **Jornalismo e identidade: o caso do jornal “O Cinco de abril” em Novo Hamburgo<sup>1</sup>**

Professor e pesquisador Dr. Cléber Cristiano Prodanov - FEEVALE<sup>2</sup>

Professora e pesquisadora Dra. Paula Regina Puhl- FEEVALE<sup>3</sup>

Professor e pesquisador Ms. Alessander Kerber- FEEVALE<sup>4</sup>

### **Resumo**

O presente estudo pretende partir de uma reflexão teórica sobre a análise da influência das mídias na construção de identidades para propor uma investigação sobre um caso específico: a construção de identidades em Novo Hamburgo, a partir das reportagens veiculadas no jornal “O Cinco de abril”, o primeiro jornal do município. O semanário teve participação no processo emancipatório da cidade, sendo fundado no dia oficial da emancipação. São analisadas reportagens veiculadas entre os anos de 1927 e 1928, que marcam o primeiro ano de veiculação do jornal, com enfoque nos assuntos que estão relacionados com a construção e legitimação desta nova identidade novo-hamburguense.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Identidade; Jornalismo

Neste artigo, propomos uma análise da construção da identidade da cidade de Novo Hamburgo a partir do Jornal “O 5 de Abril”. Na perspectiva de analisarmos o jornal num período significativo, lemos todos os jornais publicados durante o primeiro ano (de abril de 1927 ao mesmo mês de 1928).<sup>5</sup> Utilizamos, como fontes midiáticas, reportagens que se referem à aproximação do jornal com a comunidade e a expressão de valores ligados àquela comunidade no seu primeiro ano de emancipação de São Leopoldo.

O presente artigo se articula com um projeto maior denominado “O processo de construção de identidades em Novo Hamburgo a partir das convergências e das divergências das mídias”, em andamento na FEEVALE, através da união interdisciplinar entre os grupos de pesquisa “Comunicação e Cultura” e “Cultura e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do V Congresso Nacional de História da Mídia. Facasper e Cíee, São Paulo, 2007.

<sup>2</sup> Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, pesquisador e Pró-Reitor de Pesquisa, Tecnologia e Inovação do Centro Universitário Feevale.

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, professora, pesquisadora e líder do grupo de pesquisa em “Comunicação e Cultura” do Centro Universitário FEEVALE. (ppuhl@feevale.br)

<sup>4</sup> Doutorando em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professor e pesquisador do Centro Universitário FEEVALE. (alekerber@feevale.br)

<sup>5</sup> Tais jornais encontram-se disponíveis no Arquivo Municipal de Novo Hamburgo.



Memória da Comunidade”, estabelecendo um elo entre as áreas da História e Comunicação.

### **1. O Jornalismo e o processo de construção das identidades**

Os textos presentes nos meios de comunicação de massa, a partir da articulação com a sociedade, reconfiguram o espaço social. Esse processo ocorre quando as questões das identidades culturais podem ser percebidas através dos discursos jornalísticos, a partir, por exemplo, dos jornais impressos. Esse movimento pode ser visualizado nas páginas do jornal “O 5 de abril”, que no caso do município de Novo Hamburgo foi o primeiro meio de comunicação de massa voltado para a população local.

O nascimento e a permanência de um veículo de comunicação que busca atingir um elevado número da população acaba por destacar, ou ainda, agenciar determinados assuntos que, geralmente, influenciam a opinião pública. McCombs e Shaw citados por Traquina (2001) advertem que a capacidade das mídias em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirmam o seu papel na figuração da nossa realidade, isto é, “de um pseudo-ambiente, fabricado e montado quase completamente a partir dos mass media” (McCombs e Shaw apud Traquina, 2001:14)

Mas essa realidade muitas vezes serve de espelhamento do contexto onde nasce esse meio e das projeções do grupo dominante. Essa premissa também é encontrada em Lazarfeld cita Traquina (2001), quando salienta que a mensagem midiática ao entrar em conflito com as intenções de um grupo, pode acabar sendo rejeitada, já que as pessoas consomem essas mensagens de forma seletiva e por isso a escolha dos temas e o recorte do real devem estar de acordo com os interesses do grupo para o qual o veículo está se dirigindo.

Sob este viés, Traquina (2001) utiliza o argumento de Lippmann de que os meios de comunicação são a principal ligação entre os acontecimentos e a imagem desses em nossas mentes. Nesse mesmo texto Cohen (apud TRAQUINA, 2001) complementa que, na maioria das vezes, a imprensa não consegue dizer às pessoas como pensar, mas tem, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre o que pensar. Assim, temos o limite entre o poder da mídia e o seu papel nas relações sociais.

Seguindo esse pensamento verificamos que o jornal “O 5 de abril” conseguiu se firmar como mediador entre as idéias de um grupo emancipacionistas e grande parte da



população alfabetizada do município, devido tanto a sua hegemonia, quanto pela escolha dos seus redatores. Os colaboradores eram representantes do governo e da comunidade. Os assuntos abordados tratavam de avisos para a comunidade, colunas opinativas e anúncios do comércio local que começara a crescer junto com a cidade, ou seja, todos tinham um motivo para ler o “cinquinho”, nome carinhoso dado ao semanário pela comunidade. Como descreve Traquina (2001:29), “as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento”. Molotch e Lester (apud Traquina 2001: 22) complementam: “toda a gente precisa de notícias. Na vida cotidiana, as notícias contam-nos aquilo a que nós não assistimos diretamente e dão como observáveis e significativos happenings que seriam remotos de outra forma.”

Para comunicar a informação em uma mídia é utilizado o chamado discurso jornalístico, pois é ele e suas características que legitimam um fato, considerando, é claro, o seu meio de divulgação e a abrangência do mesmo. Ao nos referirmos à notícia, que é traduzida pelo discurso/texto jornalístico, somos remetidos à pressuposição de um real, o real dos fatos, como se os fatos por ele expostos narrassem vontade e valores de uma comunidade, sem a intervenção do emissor. Cabe ao chamado discurso jornalístico divulgar essas realidades, de forma objetiva. Segundo Mayra Gomes (2000: 42) o texto jornalístico caracteriza-se por um “discurso realista que ignora sua própria inserção e possibilidade no simbólico e tem a referencialidade, o efeito de real, como eixo de construção”<sup>6</sup>.

Gomes (2000) destaca que o discurso jornalístico insinua-se como um discurso pedagógico que em sua definição seria um discurso neutro que transmite informação, ou seja, sua característica seria a ausência de problemas de enunciação: não teria sujeito na medida em que qualquer um poderia ser seu sujeito e onde existiria uma distância máxima entre emissor e receptor não haveria tensão.

No entanto, a prática é outra. A função testemunhal pela qual o jornalismo se põe estará o tempo todo interferindo no espaço social, organizando esse espaço, atribuindo valores e criando sentidos, e discursos sobre discursos. Para Gomes (2000: 37) “é caracterizando-se como testemunhal que o discurso jornalístico será coadjuvante

---

<sup>6</sup> Sendo, esta pesquisa, interdisciplinar entre as áreas da comunicação e história, percebemos que, em ambas, existe a perspectiva da construção de um “efeito de real”, na perspectiva de legitimar o discurso e torná-lo, na imaginação do leitor, aquilo que pretende representar.



na construção da realidade e participa da construção das identidades e das relações de poder entre elas.”

Pensar o discurso jornalístico como testemunha de uma época, promove o apagamento da sua relação com o interlocutor, e é assim que “o resultado do dizer se torna incontestável, pois não supõe uma réplica, mas a mera absorção”, salienta GOMES (2000: 65). Essa constatação faz com que vejamos o discurso dos jornais “como um discurso autoritário, logo, sem nenhuma neutralidade” (ORLANDI, 1996: 29).

A função testemunhal do discurso jornalístico mantém uma relação de alteridade com uma outra questão: a da legitimação. Gomes (2000: 45) explica essa relação com a seguinte inferência,

“ por causa dessa não-causação (na origem de um sem sentido), fomos levados à necessidade de que todo o testemunho, padece remetendo-se a um outro testemunho, de todo texto justificar-se por meio de outro e da reprodução discursiva como tentativa de costura da proliferação”

A autora continua a idéia ao destacar que toda a legitimidade reduz-se aos processos de legitimação que estão ancorados nos processos discursivos. Para clarificar esse pensamento ela recorre aos trabalhos de Foucault e Lyotard e verifica que “existe uma impossibilidade de Verdade” (GOMES: 53). Sendo assim, a função referencial do jornalismo é a de dar o aval de que o seu testemunho é verdadeiro, ou seja, ser argumento pró-consenso.

## **2. Alguns conceitos de identidade e a relação com o Jornalismo: o caso “O 5 de abril”**

O uso do jornal impresso colaborou para a disseminação de idéias principalmente com a invenção da prensa tipográfica por Johannes Gutenberg em 1450. Foi através dos tipos móveis de chumbo fundido que eram mais duradouros e resistentes do que os fabricados em madeira, e, portanto reutilizáveis, que conferiram uma enorme versatilidade ao processo de elaboração de livros e outros trabalhos impressos e permitiram a impressão de informativos e jornais, sendo um marco para o desenvolvimento da Imprensa. A apropriação dessa prática pelo jornalismo colaborou a legitimação de diversos grupos, no caso do nosso estudo, o jornal “O 5 de abril”, serviu de mediação para que a identidade de uma comunidade fosse divulgada e afirmada.

Antes de destacarmos as características do jornal é preciso recorrer a alguns pensamentos a respeito dos múltiplos conceitos de identidade. Partido das considerações

de Boia (1998) podemos considerar uma identidade como uma das estruturas ou arquétipos do imaginário social. Uma identidade se expressa, justamente, através de representações que definem a idéia e o sentimento de pertença a um grupo. Esta consciência de si através de representações impõe limites sobre os quais os indivíduos realizam suas práticas sociais. Estes limites se dão em torno das fronteiras entre um grupo e outro. Uma identidade se forma, assim, além da percepção das representações comuns, entre o grupo, através da percepção da diferença, em relação ao outro grupo, ou seja, em uma relação de alteridade.

Neste sentido, o sentimento e idéia de pertencimento a um grupo sempre está associado ao de não pertencimento a outros grupos, ou seja, há um processo de inclusão e exclusão na construção das identidades. Dessa forma, para se analisar a identidade regional ou local, é necessário que, também, se tenha um enfoque mais amplo, afinal, o regional e o local não são um todo em si, mas partes de um todo mais amplo. Por isso, só é possível analisar a identidade local numa perspectiva de comparação com outras esferas locais.

No processo de inclusão e exclusão existente na seleção dos símbolos que representam a identidade de uma cidade, percebe-se que existe a manifestação de relações de poder. Pierre Bourdieu ofereceu importantes reflexões sobre a relação entre representações e poder. No caso de enfoque deste artigo, temos um produto midiático influenciando na construção de uma identidade. Sendo o primeiro e, inicialmente, único jornal de Novo Hamburgo, o “O 5 de Abril” detinha poder simbólico a partir do qual influenciou sobre esta construção identitária. Tal poder é entendido como

“[...] poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.” (BOURDIEU, 2005: 14)

Pierre Bourdieu também fez importante reflexão acerca da divisão dos espaços geográficos, demonstrando, ao focar a divisão entre nações e regiões que partem da utilização do poder simbólico para construção, no imaginário social, das mesmas. Como afirma:

“Ninguém poderia hoje sustentar que existem critérios capazes de fundamentar classificações ‘naturais’ em regiões ‘naturais’, separadas por fronteiras ‘naturais’. A fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá maior ou menor fundamento na ‘realidade’ segundo os elementos que ela reunirá [...]” (BOURDIEU, 2005: 114)

A definição da fronteira entre uma nação e outra, entre uma região e outra ou, no caso deste trabalho, entre uma cidade e outra, ao se estabelecer, produz a existência daquilo que enuncia. Sendo assim, após legitimado um discurso que estabelece a divisão, o aparelho político passa a ter, também, legitimidade para utilizar-se de violência simbólica para a manutenção deste discurso. Bourdieu cita a escola como um destes meios utilizados através da legitimação do discurso que acaba reforçando esta legitimidade. Assim:

“O discurso regionalista é um discurso performativo, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada – e, como tal, desconhecida – contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora. O acto de categorização, quando consegue fazer-se reconhecer ou quando é exercido por uma autoridade reconhecida, exerce poder por si: as categorias ‘étnicas’ ou ‘regionais’, como as categorias de parentesco, instituem uma realidade usando do poder de revelação e de construção exercido pela objetivação no discurso.” (BOURDIEU, 2005: 116)

De qualquer forma, há, ainda segundo Bourdieu, a necessidade da autoridade para o estabelecimento da legitimidade deste discurso:

“A eficácia do discurso performativo que pretende fazer sobrevir o que ele enuncia no próprio acto de o enunciar é proporcional à autoridade daquele que o enuncia: a fórmula ‘eu autorizo-vos a partir’ só é eo ipso uma autorização se aquele que pronuncia está autorizado a autorizar, tem autoridade para autorizar. Mas o efeito de conhecimento que o facto da objetivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objectividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente em função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades.” (BOURDIEU, 2005: 116-117)

A imprensa é um dos elementos que teve, em vários contextos históricos, autoridade na definição do legítimo. Uma das estratégias utilizadas por ela na obtenção deste poder é, por exemplo, a não definição do autor em alguma matéria, algo frequente no Jornal “O 5 de Abril”. A não existência de alguém que assine a matéria produz a impressão de que o que está escrito não é apreciação ou opinião específica de ninguém, mas apenas um retrato, um reflexo da realidade.

Outra estratégia utilizada pelo Jornal “O 5 de Abril”, também presente na imprensa em geral, é a utilização de autoridades (políticos, representantes da comunidade, personalidades, formadores de opinião) assinando as matérias. Enquanto



que a ausência de autoria dá a impressão de “ser a realidade”, a presença de autores com capital simbólico para serem reconhecidos como autoridade, também dá autoridade ao jornal. Neste sentido, o próprio primeiro prefeito da cidade de Novo Hamburgo, Leopoldo Petry, era uma das principais autoridades a assinar matérias do “O 5 de Abril”.

### **2.1 O contexto e os textos do jornal “O 5 de abril”**

Existe apenas uma obra que se propõe uma história geral de Novo Hamburgo, a qual é de autoria do primeiro prefeito do município, Leopoldo Petry (1944), que nos anos 1940 compilou algumas informações sobre a cidade e sua formação. Conforme Petry, o surgimento de Novo Hamburgo está intimamente ligado ao projeto imperial brasileiro de ocupação da região meridional do país, com população europeia leal ao Imperador e a Coroa. Dentro desse processo, desembarcaram no Rio Grande do Sul a partir de 1824 sucessivas levas de imigrantes de origem germânica, que foram se estabelecendo em várias regiões do Estado<sup>7</sup>.

O núcleo primeiro dessa imigração foi a colônia de São Leopoldo, hoje Município de São Leopoldo. A partir desse inicial ponto de chegada, várias outras colônias se estabeleceram nos vales do Rio do Sinos, Caí e Paranhana. Houve assim uma rápida ocupação por parte dos imigrantes que, atendendo uma atividade inicialmente agrícola.

Um desses núcleos que se formaram foi o de Hamburger Berg<sup>8</sup>, hoje bairro de Hamburgo Velho e pertencente a cidade de Novo Hamburgo. Entretanto esse núcleo original de Hamburger Berg foi o responsável pela criação da cidade, potencializada pela criação da linha férrea, que foi um dos mais importantes impulsionadores do desenvolvimento das colônias germânicas no Vale do Sinos. Conforme Petry, essa facilidade de escoamento da produção colonial e a qualificação para o trabalho artesanal

---

<sup>7</sup> A primeira leva de imigrantes germânicos desembarcou em São Leopoldo em 25 de julho de 1824, no final do mesmo ano cerca de 124 colonos já haviam desembarcado. O Governo Imperial e Provincial iniciou a distribuição de terras, divididas em picadas e essas em lotes e colônias. O loteamento das terras que ficavam a margem direita do Rio do Sinos, especialmente na chamada encosta da serra foi o que originou o povoamento de Hamburgo Velho e mais tarde Novo Hamburgo, que por volta de 1824, teve, de fato o início da colonização de sua área (PETRY, 1944: 19-20).

<sup>8</sup> Segundo Petry, o povoado que formou o núcleo inicial da cidade de Novo Hamburgo, era conhecido desde a sua fundação por Hamburger-Berg, o que quer dizer morro dos Hamburgeses. Admite-se também que venha de uma corruptela do nome Hampetersberg, ou seja, morro do Hampeter, nome de João Pedro Schimitt, um dos primeiros comerciantes da região.



dos povoadores de origem germânica, apoiado pela existência do couro e derivados como matéria prima, fez desenvolver-se a indústria coureiro-calçadista<sup>9</sup>.

No início do século XX, Novo Hamburgo permanecia como Distrito de São Leopoldo, mas o seu desenvolvimento comercial e industrial fez crescer a sua idéia de emancipação.

Talvez, nesse momento, tenha surgido a primeira construção de uma identidade do hamburguês, que motivado por questões econômicas e administrativas, propõe a sua separação municipal e evoca as diferenças sociais e culturais em relação ao município sede, São Leopoldo. Pode soar estranho que isso possa ter ocorrido em duas localidades separadas por poucos quilômetros e com uma colonização germânica em comum, entretanto, um olhar sobre a imprensa local da época torna mais clara essas construções e, especialmente, o caminho que Novo Hamburgo cria em sua trajetória urbana.

A emancipação política de Novo Hamburgo em relação a São Leopoldo aconteceu em 27 de Abril de 1927. Mas esse movimento iniciou-se em 1897, com a petição hamburgense à Câmara de São Leopoldo pedindo a desanimação desse distrito, que foi negada sucessivas vezes até o final da década de 1920.

Esse primeiro embate emancipacionista contribuiu para formação inicial de uma proto-identidade, tendo São Leopoldo como seu contraponto. Surge no início dos anos 1920, uma valorização do trabalho, do progresso como valores hamburgenses, em contrapartida a exploração e a letargia leopoldenses, que por sua parte vêm nos hamburgenses como impatriotas e mais alemães do que brasileiros.

Essa discussão que é travada nas ruas, praças e demais lugares da vida cotidiana da comunidade, ganha cada vez mais espaço nos jornais, esses, por sua vez, adquirem uma importância cada vez maior na construção da identidade local. Dessa forma, os jornais enquanto meios de comunicação de massa se articulam como os locais da memória coletiva e construtores de uma identidade social.

Ainda em 1926, cria-se uma primeira comissão emancipacionista chamada de Liga Pró Avilamento, destinada a assumir as lutas pela emancipação. Esse grupo promove em 20 de agosto de 1926 a primeira concentração popular no Cine Teatro Carlos Gomes, que lotou sua platéia para apoiar as manifestações (SCHEMES, 2006).

De todo modo, a ruptura ou a busca dela é acompanhada da tentativa de marcar as diferenças e encontrar elementos que tragam aos novos municípios, uma certa

---

<sup>9</sup> Esta questão étnica na definição da história de Novo Hamburgo será, como veremos adiante, elemento fundamental na construção da identidade desta cidade presente no “O 5 de Abril”.



identidade positiva, empreendedora e dinâmica. Essa identidade inicial, forjada na busca de diferenciais em relação ao município sede, vai perdurar e ajudar a construir o sentimento municipal de pujança e empreendedorismo, alavancada pela evocação dos pioneiros, que serviram de modelo para as novas gerações de hamburgenses que se seguiram a esses primeiros passos emancipatórios.

É nesse contexto sócio-histórico que nasce a idéia do principal órgão de comunicação local, o jornal “O 5 de Abril”. A sua história se inicia um dia após a confirmação oficial da emancipação do município de Novo Hamburgo em 6 de abril de 1927. Criado por um grupo que defendia o movimento emancipacionista, o nome foi escolhido em homenagem à data de emancipação do município – 05 de abril de 1927.

Os primeiros boletins foram impressos na Typografia Hans Behrend, que seria o precursor da imprensa novo-hamburguesa. Os escritos convidavam toda a comunidade para os festejos da emancipação na Praça do Imigrante. Após um mês que estava estabelecido o Decreto de Ouro, assinado pelo governador do Rio Grande do Sul Borges de Medeiros, “O 5 de Abril” começa, em 6 de maio de 1927, sua trajetória de 35 anos de jornalismo no Vale dos Sinos, publicando em primeira página do semanário a reprodução do documento.

Na capa da primeira publicação estava o “Decreto de Ouro”, que ocupava 85% da página. No cabeçalho, além de estampar o título do jornal, registrava os nomes do diretor, Leopoldo Petry, do gerente, Edgar G. Behred, filho mais velho de Hans, o preço das assinaturas, e o local da impressão, a Typographia Hans Behrend. A capa preservou essa organização até a última edição, constando ainda a frase: “Semanaário de Interesses Gerais, publicado sempre às quartas-feiras”. A primeira edição teve quatro páginas. A contracapa possuiu diversos anúncios de segmentos comerciais do município. Na página dois, um editorial explicava a criação de um jornal em Novo Hamburgo, devido ao progresso da região e com o objetivo de amparar todas as boas causas, os grandes empreendimentos e as pessoas trabalhadoras. Ainda no editorial foi dado destaque para a informação de que “O 5 de Abril” não teria nenhuma ligação partidária ou religiosa ((BEHREND, 2002).

Hans Behrend seu fundador esteve à frente do semanário até a década de 40 e teve como apoiador e incentivador para a criação do jornal Leopoldo Petry, que escrevia constantemente artigos para o periódico tanto em português, quanto na língua alemã. As primeiras tiragens alcançaram cerca de 200 a 300 exemplares por semana, para uma população recenseada de 8.500 habitantes. “O número era significativo, pois diversos



moradores eram da zona rural e outros falavam somente a língua alemã”. (BEHREND, 2002: 43).

O Jornal 5 de Abril pretendia assumir uma vinculação direta com a identidade da cidade de Novo Hamburgo (elemento já perceptível no nome do mesmo). O jornalista Martin Herz Behrend, que escreveu o livro intitulado “O 5 de Abril: o primeiro jornal de Novo Hamburgo” (BEHREND, 2002), afirma:

“A notícia da emancipação veio carregada de euforia e alegria. A confirmação oficial sobre a publicação do decreto chegou à cidade por volta das 17 horas, via telefone. Boletins previamente impressos na Typographia Hans Behrend se espalharam pelos quatro cantos do novo Município, convidando a todos para os festejos na Praça da Estação, hoje Praça do Imigrante. Exatamente um mês depois esse mesmo documento assinado por Borges de Medeiros e Protásio Alves viria a ser reimpresso. Dessa vez, o festejado Decreto de Ouro estampou a primeira capa do jornal O 5 de Abril. Começava, em 6 de maio de 1927, a epopéia de 35 anos de jornalismo e serviços prestados pela família Behrend e diversos colaboradores a Novo Hamburgo.” (BEHREND, 2002: 31).

Evidentemente, o autor, sendo descendente dos proprietários originais, tem uma visão focada na valorização do Jornal como patrimônio da cidade. Contudo, pode-se concluir que existiu, historicamente, uma vontade do jornal de representar a cidade, de estar ligado à identidade da mesma.

Também, neste sentido, é tema recorrente, no jornal, a construção simbólica da cidade. Em diversas matérias se retoma temas como as características de Novo Hamburgo, a justificativa e os signos da cidade<sup>10</sup>, a relação dela com outras cidades, com a Região e com a Nação.

Em seu exemplar de lançamento, na página 2 do “O 5 de Abril” aparece a matéria intitulada “O nosso jornal”. A expressão “nosso” já remete, diretamente, à construção da identidade, ou seja, a definição do que pertence a nós e conseqüentemente, aos outros (à alteridade).

“Com o advento da nossa emancipação política e administrativa, fruto do progresso que aqui se verifica como em nenhuma outra parte do nosso amado Rio Grande do Sul, tomadas as devidas proporções e, onde a atividade de seus filhos é múltipla, a criação de um órgão de publicidade era absolutamente inadiável. Eis porque, de um grupo de ardorosos paladinos do vilamento local, partiu a idéia da fundação e um jornal.

---

<sup>10</sup> Utilizamos o conceito de signo conforme proposto por Roland Barthes que afirma que “[...] toda a semiologia postula uma relação entre dois termos, um significante e um significado. [...] É preciso não esquecer que, contrariamente ao que se sucede na linguagem comum, que me diz simplesmente que o significante exprime o significado, devem-se considerar em todo o sistema semiológico não apenas dois, mas três termos diferentes; pois o que se apreende não é absolutamente um termo, um após o outro, mas a correlação que os une: temos portanto o significante, o significado e o signo, que é o total associativo dos dois primeiros termos.” (BARTHES, 1999: 134-135)

Como, porém, não bastasse a concepção desta boa idéia, sendo precisa a coragem para realizá-la, tratou-se desde logo de dar um caráter prático à teoria expendida, apresentou-se hoje, embora ainda em modestas condições, o nosso jornal que tomou o título de 'O 5 de Abril'.

Este título não é mais do que uma homenagem à, para nós gloriosa, data que se assinala à assinatura do decreto de ouro, com que o benemérito Governo do Estado, houve por bem, concede-nos a tão almejada autonomia.

Não será preciso encarecer o valor moral deste ato justo e nobre. Basta dizer-se que ele mereceu os aplausos unânimes, chegando-nos de toda parte notícias destas manifestações.

E, de fato, se dentro de grande Estado gaúcho há centros com direito a este favor, Novo Hamburgo merecia, sem dúvida, ser colocada em primeiro plano, pelo seu grande comércio e pelas suas extraordinárias indústrias, conhecidas em todos os recantos de nosso amado Brasil e, quiçá, além de nossas fronteiras.

Por algumas colunas procuraremos amparar todas as boas causas e todos os grandes empreendimentos. Será, porém, o nosso principal objetivo trabalhar pela união da coletividade do nosso município, sem dúvida o fator primordial de seu progresso, máxime quando esta união parece já estar consolidada com o auspicioso ato da municipalização, para o qual cooperaram gregos e troianos.

Teremos ainda em mira especial amparar os que trabalham, porque foi com o trabalho que a nossa localidade ascendeu ao ponto em que atualmente se encontra.

O nosso jornal não tem nenhuma ligação partidária ou religiosa. Isto não nos impede de consignarmos, no nosso artigo inicial, palavras do nosso mais profundo reconhecimento ao preclaro estadista que tão proficuamente dirige os destinos do nosso querido Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros.

Sua Excia., tendo sempre por nortes a justiça, mau grado os mil óbices verificados, não trepidou em tender o justo apelo que lhe fizéramos, vilando este pedaço de terra, para nós tão querido.

Isto posto, ratificamos, por estas colunas, os dizeres do telegrama de agradecimento enviado a S. Excia. Pelo povo desta terra, no dia de sua emancipação.” (O 5 de Abril, 01 jul. 1927. pp. 2)

No dia 10 de junho de 1928, o “O 5 de Abril” afirma os objetivos e compromissos do periódico:

“Tendo assumido o cargo de Intendente Municipal, o nosso diretor, sr. Leopoldo Petry, entregou provisoriamente a direção do 'O 5 de Abril' a um grupo de antigos colaboradores, que seguirão o mesmo critério até agora adotado: isto é, o nosso jornal, alheio à questões políticas, trabalhará sempre pela paz e harmonia no seio da família hamburgueza.”

Aqui, cabe ressaltar que Leopoldo Petry era diretor do periódico, que se pretendia “alheio à questões políticas”.

Tal como é freqüente em um processo de emancipação, o município que tem uma de suas regiões emancipadas posiciona-se contra este processo. No caso de São Leopoldo não foi diferente. Em especial, o jornal “União”, desta cidade, tomou para si a função de representar esta crítica à emancipação de Novo Hamburgo. Colocando-se como representante de Novo Hamburgo, o “O 5 de Abril” realizou sua defesa:

“Correndo o véu' Sob esta epígrafe, houve pro bem nosso colega 'União', órgão republicano de São Leopoldo, dedicar-nos, na primeira coluna de seu número 153, de 18 do cr. [corrente], algumas palavras que nos obrigaram a uma breve resposta.

1º O nosso colega afirma que nós, d'O 5 de Abril, 'traímos os mais comezinhos e rudimentares princípios de cortesia, gentileza e civilidade' etc... porque o dia 18 deste mês ainda não a 'distinguíramos com uma visita'.

Esta afirmação não é verdadeira. Desde o primeiro número foi o nosso jornal remetido regularmente, junto com os exemplares destinados a outros favorecedores, pelo correio à redação da 'União', como podemos provar. Se ali não chegou, a culpa não é nossa.

Queira, pois, o colega indicar a quem cabe a responsabilidade no caso e, se quiser, fará, depois, o que a ética lhe impõe.

2º A 'União' afirma que O 5 de Abril 'outra coisa não tem feito, senão atacar desabrida e criminosamente o Conselho Municipal de São Leopoldo'. Também isto não é verdade. O nosso jornal nunca se lembrou de atacar quem quer que seja, mas tem se esforçado sempre na medidas de suas forças, a defender os interesses de Novo Hamburgo e aí o Conselho Municipal de São Leopoldo, em documentos públicos, julgou conveniente referir-se em termos pouco lisonjeiros ao povo de nosso município, nós, no uso de um direito que jamais abandonaremos, em vários artigos demonstramos a improcedência destas afirmações.

3º Quanto ao discurso do sr. dr. Jacob Kroeff Netto, pronunciado por ocasião de entregar o Governo Municipal ao seu sucessor, cabe a s. s. Manifestar-se, se a reportagem foi fiel na exposição dos fatos ou não, como o leitor poderá ver na 'Explicação necessária' que neste mesmo número publicamos.

Nós d'O 5 de Abril, e conosco todos os moradores deste município, outra coisa não desejamos, senão trabalhar em paz e harmonia, mas esse desejo de tranquilidade não pode, nem deve ir ao ponto de silenciarmos ante os insultos que certos cidadãos julgam ter o direito de nos atirar, serenos e firmes havemos de repelir sempre todas as tentativas que surgirem nesse sentido, e aos nosso colegas da 'União' recomendamos um pouco de calma quando se referir a Novo Hamburgo, porque este sistema de vir logo com quatro pedras na mão dificilmente dará resultados positivos.” (O 5 de Abril, Novo Hamburgo, 24 de junho de 1927. pp.1)

Um dos principais meios para a construção da legitimidade da cidade de Novo Hamburgo, focado no “O 5 de Abril”, é a imagem da pujança econômica. Construiu-se o discurso, desde antes da emancipação, sobre o grande crescimento econômico do distrito que geraria Novo Hamburgo, enfocando ser o principal responsável pelo pagamento de impostos e, inversamente, o que menos recebe investimentos de São Leopoldo.

### **Breves Considerações**

Podemos observar que o “O 5 de Abril” atuou como mediador na construção da identidade de Novo Hamburgo. Para atuar de tal forma, precisou legitimar-se como



representante da cidade. Para tanto, utilizou-se de diversas estratégias ligadas à prática do jornalismo seja no conteúdo das matérias ou ainda nos recursos gráficos.

No próprio título do periódico percebe-se tal intenção. Em diversas matérias presentes no jornal, também apresenta-se esta perspectiva de representar e defender Novo Hamburgo, que acolhe o semanário durante 37 anos.

Reconhecido como “o Cinquinho”, por estar presente nas principais conquistas do município, o jornal era seguidor das normas e pretensões políticas do Estado e estava à serviço da comunidade. Nele eram retratados nascimentos, casamentos, roubos, editais e entretenimento. No entanto, na década de 60 o semanário começou a dar sinais de desgaste. Por ser uma empresa familiar, nunca teve um setor comercial organizado, e, segundo Behrend (2002, p. 127), esse foi um dos motivos da desestruturação, já que a cobrança das publicidades eram feitas pelos seus diretores- proprietários e, às vezes, até pelas suas esposas. A garantia de pagamento era somente a palavra dos anunciantes.

O compromisso com a comunidade foi cumprido até o seu fechamento. A carta de despedida foi escrita por Cláudio Behrend, filho de Werner, explicando os motivos pelos quais ele não havia herdado o semanário e agradecendo à população o apoio durante a existência do periódico.

Dessa forma, verificou-se que a identidade de Novo Hamburgo apresentava-se como nova no contexto de emancipação da cidade, esta precisou ser construída e legitimada através de uma série de referências que estabeleciam suas características e especificidades. “O 5 de Abril” atuou, também, no estabelecimento destas referências, bem como no da alteridade de Novo Hamburgo, especialmente em relação a São Leopoldo, construindo esta relação de alteridade.

### **Referências Bibliográficas**

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

BEHREND, Martin Herz. **O 5 de Abril**. Porto Alegre: Metrópole Ind. Gráfica, 2002.

BOIA, Lucian. **Pour une histoire de l’imaginaire**. Paris: Belles Lettres, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Bertrand/Difel, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1987.



GERTZ, René. **O integralismo na zona colonial alemão**. In: DACANAL, José Hildebrando (org.)

RS: Imigração e colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000.

**HISTÓRIA do calçado no Vale dos Sinos**. Disponível em [http://www.leather.com.br/interna/links\\_valesapato1.asp](http://www.leather.com.br/interna/links_valesapato1.asp). Acesso em março 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. IN: **Projeto História**. São Paulo: Ed. PUC-SP, 1993. [7-28]

ORLANDI, Eni. Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4a ed..Campinas, SP: Pontes, 1996.

PETRY, Leopoldo. **O município de Novo Hamburgo – Monografia**. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

\_\_\_\_\_. **A emancipação de Novo Hamburgo: análise do “parecer” aprovado pelo Conselho Municipal e outras notas**. Novo Hamburgo: Typographia Hans Behrend, 1925.

PRODANOV, Cleber C.. et alii. **Memória do Setor Coureiro-Calçadista: Pioneiros e Empreendedores do Vale do Rio dos Sinos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

SCHEMES, Claudia. **Pedro Adams Filho : empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo : 1901-1935**. Tese de Doutorado. PUCRS: Porto Alegre, 2006.

SIMONETTI jr, João Carlos. **Jornalismo e Identidade: uma abordagem discursiva**. Texto apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande/ MS, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2001.

**Fontes:**

Jornal O 5 DE ABRIL. Novo Hamburgo, 1927-1928.